

O PRESENTE DA SRA. HILDEBRANDT

Robert Smith

Faz 30 anos que não a vejo, mas, em minha memória, na presença de forma muito especial quando recebo meu primeiro cartão de Natal.

Eu tinha 12 anos, e faltavam dois dias para o Natal. O primeiro véu branco dessa estação fazia crescer minha expectativa.

Vesti-me afobadamente, pois a neve me esperava. O que eu faria primeiro - um boneco de neve, escorregar montanha abaixo ou apenas jogar os flocos de neve no ar para vê-los tremular até cair?

Assim que mamãe parou a caminhonete na entrada de casa, chamou-me para ajudá-la com as compras. Depois que descarregamos todas as sacolas, mamãe me disse: - Bob, eis as compras da Sra. Hildebrandt.

Não era preciso nenhuma instrução complementar. Desde que eu me conhecia por gente, minha mãe fazia as compras para a Sra. Hildebrandt, nossa vizinha de 95 anos que morava sozinha, e eu as entregava na casa dela. Essa senhora sofria de artrite, o que dificultava sua locomoção, e só conseguia dar uns poucos passos com a ajuda de sua bengala.

Apesar da idade da Sra. Hildebrandt, praticamente aleijada e nem um pouco fã de beisebol, eu gostava de conversar com ela, melhor dizendo, de ouvi-la. Ela contava histórias fantásticas de sua vida -sobre a torre da igreja do bosque, os passeios a cavalo e de jipe aos domingos à tarde, e a fazenda da família que não tinha água corrente nem eletricidade.

Ela sempre me dava dez centavos, quando eu entregava suas compras, que, como de costume, eu recusava sem muito entusiasmo, pois sabia que ela insistiria. E cinco minutos mais tarde, já estava do outro lado da rua, na loja de doces.

No entanto, dessa vez, à medida que me aproximava de sua casa com as sacolas, decidi que nosso encontro costumeiro seria diferente. Eu não aceitaria o dinheiro, pois este seria meu presente de Natal para ela.

Toquei a campainha muito ansioso. De forma quase imperceptível, primeiro escutei o arrastar vagaroso e fatigado de seus pés, e o lento baque de sua bengala. Depois, ouvi o rangido, precedido pelo matraquear da corrente, no momento em que a porta se entreabriu. Seus olhos brilhantes espiaram pela fenda.

-Oi, Sra. Hildebrandt -disse eu. -Sou eu, o Bob. Estou com suas compras.

-Oi, entre, entre -disse-me alegremente. -Coloque as sacolas na mesa, por favor!

Fiz o que costumava fazer, mas muito mais rápido do que o habitual, pois podia até ouvir a neve me chamando para brincar!

Enquanto conversávamos, comecei a perceber como ela era solitária. Seu marido morrera havia mais de 20 anos, e ela não tinha filhos. Seu único parente vivo era um sobrinho que morava na Filadélfia, mas que nunca a visitava.

Ninguém a visitava no Natal, e não havia árvore, nem presentes, nem meias para os presentes.

Ela me ofereceu uma xícara de chá, como fazia todas as vezes que trazia suas compras. Bem, talvez a neve pudesse esperar.

Nós nos sentamos e conversamos sobre como o Natal era celebrado quando ela era criança. Viajamos para bem longe e volta-mos no tempo, e uma hora passou sem que eu percebesse.

-Bem, Bob, você deve estar com vontade de brincar com a neve - disse-me ela enquanto pegava sua bolsa.

-Não, Sra. Hildebrandt. Não posso aceitar nada desta vez. A senhora pode usá-lo para coisas muito mais importantes - disse-lhe, procurando resistir.

Ela me olhou e sorriu.

-Que coisa mais importante poderia fazer com esse dinheiro do que dá-lo a um amigo no Natal? -perguntou-me, enquanto colocava 25 centavos na minha mão.

Tentei devolvê-lo, mas ela nem levou em consideração meu protesto.

Corri para a rua e fui para a loja de doces com minha pequena fortuna. Ainda não tinha ideia do que compraria - revista em quadrinhos, chocolate, refrigerante ou quem sabe um sorvete. No entanto, eu vi algo que chamou minha atenção - um cartão de Natal com uma igreja antiga, dessas que existem em alguns vilarejos, em um bosque. Parecia-se com aquela que a Sra. Hildebrandt sempre descrevia para mim. Entreguei ao Sr. Beyer, o dono da loja, meus 25 centavos e pedi emprestado uma caneta para assinar meu nome.

-É para a namorada? -perguntou-me sorrindo.

Já ia começar a explicar que não era bem o caso, mas mudei de ideia e disse apenas: "É, acho que é!".

Quando caminhava pela rua, com meu presente, senti tanto orgulho de mim mesmo que parecia que havia quebrado um recorde mundial. Não, na verdade, eu me sentia melhor do que se tivesse conseguido realizar tal proeza!

Toquei a campainha da casa da Sra. Hildebrandt. Ouvi novamente o som quase inaudível que ela fazia ao arrastar os pés. A corrente balançou, e a porta entreabriu-se com um rangido. E dois olhos brilhantes deram uma espiada.

-Oi, Sra. Hildebrandt -disse-lhe, enquanto lhe estendia o cartão. - Feliz Natal.

As mãos dela tremeram, enquanto abria vagorosamente o envelope. Ela olhou atentamente o cartão e começou a chorar.

-Muito obrigada! -sussurrou ela. -Feliz Natal.

Poucas semanas depois, em uma manhã fria e tempestuosa, uma ambulância chegou à casa da nossa vizinha. Minha mãe me disse que a encontraram na cama, e que ela morrera em paz durante o sono. Ainda acesa, a luz do criado-mudo iluminava um solitário cartão de Natal.